



# PLAYBOY

Junho 2001



PLAYBOY - JUNHO DE 2001

## BECHARA JALKH

O maior detetive do Brasil revela os bastidores da roubalheira nacional e conta como escapou do último atentado a sua vida



por Dagomir Marquezi

---

Qual o sinônimo para "detetive"? Sherlock Holmes, certo? E para "detetive brasileiro"? Resposta: Bechara Jalkh. Nunca houve nenhum como ele, e pelo jeito vai ser difícil existir outro. Num país onde crimes se resolviam pendurando suspeitos no pau-de-arara, Jalkh trouxe os princípios da investigação científica.

As novas gerações provavelmente nunca ouviram falar dele. Mas Bechara foi uma estrela nos anos 50 e 60, quando nenhum crime que investigava para o jornal *O GLOBO* ficava sem solução. Com a fama, Bechara Jalkh criou uma rede nacional de especialistas e auxiliares e passou a comprar os mais sofisticados aparelhos de espionagem do mundo. Durante 32 anos manteve um curso para detetive por correspondência que formou 150.000 alunos, muitos deles trabalhando até hoje com ele.

Agora Bechara Jalkh está longe dos holofotes. Mas segue trabalhando, e muito, na área empresarial. Afinal, nunca empresas brasileiras foram tão fraudadas, lesadas, extorquidas quanto agora. É um drama terrível e grave. Os detalhes você vai ler nesta entrevista, entre tantas histórias escabrosas de crimes e loucuras.

O detetive número 1 do Brasil nasceu em Beirute, num tempo em que o Líbano era um oásis de civilização e cultura no Oriente Médio. Como sua mãe era brasileira, Bechara se instalou aos 17 anos no Rio de Janeiro, em 1949, e de lá nunca mais saiu. No Rio estão seus quatro filhos e quatro netos, um já casado.

Recentemente sua vida conheceu um fato triste (a morte de sua esposa, de câncer) e outro alegre: seu filho mais novo, que profeticamente ganhou seu nome e agora tem 19 anos, resolveu seguir os passos do pai. Está aprendendo a arte de investigar com o melhor detetive do Brasil.

Bechara Jalkh tem muitas histórias para contar. Sua vida parece um seriado de TV, com tantos casos misteriosos e escabrosos. Depois de ver tanta sujeira, Bechara não perdeu a capacidade de se indignar - consequência de manter décadas de integridade pessoal e profissional num mundo que apodrece ao seu redor. Ele teve todas as chances e tentações para enriquecer encobrendo falcatruas, servindo a clientes menos escrupulosos. Disse não a tudo e hoje leva uma vida confortável - tem uma cobertura ("média") na Barra e , motivo de seu maior orgulho, uma prole bem criada.

Para ouvir suas histórias, **PLAYBOY** enviou o editor sênior Dagomir Marquezi. Seu relato:

*Esta entrevista foi realizada em três sessões. A primeira num edifício abandonado, enquanto Bechara vigiava uma residência de traficantes dez andares abaixo. A segunda a bordo de um helicóptero em perseguição a um fugitivo procurado em oito países (foi difícil entender o que ele dizia com o barulho do motor). A terceira sessão ocorreu no meio de um tiroteio na favela da Rocinha onde meu gravador foi atingido de raspão por uma bala 22.*

*Tudo mentira, claro. Essas coisas acontecem com detetives de ficção, todos eles desprezados por Bechara Jalkh. As três sessões de entrevista foram realizadas com toda calma no seu modesto escritório localizado bem no centro do Rio de Janeiro de frente para o Mercado das Flores*

*"O escritório da BJ Assessoria e Pesquisa está há 25 anos nesse edifício já decadente cercado por um vasto camelódromo, difícil de chegar de carro por causa das ruas muito estreitas e sempre congestionadas. Bechara me recebeu sério, mas essa impressão se desfez na primeira pergunta sobre sua idade "Vou fazer 69. No bom sentido".*

*"Basta ligar o gravador para que Bechara comece a falar e não pare mais. Ele tem uma curiosa mistura de linguagem típica da malandragem carioca com um ligeiro sotaque árabe. Fala direto, sem pausas nem muitas risadas. Sua voz só se altera quando conta histórias de injustiças cometidas contra inocentes.*

*"No final das três sessões, ficou confirmada a imagem de herói que eu sempre tive de Bechara Jalkh desde o tempo em que era um adolescente querendo fazer seu curso por correspondência. Ficou também um gosto amargo de conhecer melhor a podridão nacional sob a lente de um detetive.*

"Nas três sessões ele vestia ternos diferentes, mas o prendedor de gravata era sempre o mesmo, uma minúscula esfera escura muito parecida com um... microfone em miniatura. Talvez Bechara Jalkh já tenha uma cópia desta gravação em seus arquivos."

---

**PLAYBOY** - Ainda posso virar detetive?

**BECHARA JALKH** - Se você não tiver uma boa formação, infelizmente só vai poder atuar num ramo, o da infidelidade conjugal. É o que a maior parte faz: vigiar a mulher do cara ou vice-versa. Uns 90% dos chamados "detetives" só fazem isso. Tem muito picareta no ramo. O cliente da uma motoca para o "detetive" e diz: "Vai vigiar minha mulher". O picareta pede para depositar 50% do prego combinado na sua conta e não faz mais nada.

**PLAYBOY** - E você trabalha no ramo?

**JALKH** - Nós não trabalhamos com infidelidade conjugal, só na área empresarial / criminal. A área empresarial está sofrendo com roubos e fraudes. Nós somos praticamente a única empresa que trabalha nessa área no Brasil.

**PLAYBOY** - Como você decidiu ser detetive?

**JALKH** - Eu trabalhava inicialmente na área comercial, com meu pai. Mas não era isso o que queria

**PLAYBOY** - Mas alguma coisa deve ter despertado em você essa vontade.

**JALKH** - Há muito tempo havia uma revista americana chamada *Detetive*, traduzida em Português, que só citava casos verídicos. Mostrava como cada caso era investigado, como era feita a perícia, como era solucionado. Acho que me influenciou.

**PLAYBOY** - Como se investigava naquela época no Brasil ?

**Jalkh** - Na década de 50 não havia escola de policial. Jagunços e Cabos eleitorais viravam polícia. Tinha a figura do interrogador, um gigante de cabeça raspada, altamente ignorante, que entrava na sala e dizia: "Deixa comigo". Jogava o suspeito no chão, pulava em cima dele e o cara botava tudo pra fora, por cima e por baixo. Ai confessava tudo o que a polícia queria saber.

**PLAYBOY** - E hoje?

**JALKH** - Hoje a tecnologia avançou muito, com o exame de DNA, do local do crime... Mas faltam recursos. Aqui no Rio, pelo menos, mais de 100.000 homicídios e latrocínios nunca foram investigados. Não tem quem investigue. Se alguém presenciou o crime, tudo bem, o cara pode ser preso. Fora isso, ninguém investiga o local do crime, que é o principal ponto em qualquer investigação criminal, É preciso isolar o local, investigar tudo o que tem lá dentro,

até um fio de cabelo. Aí a Justiça pode julgar baseada em fatos concretos, cientificamente provados. Mas infelizmente no Brasil não temos isso.

**PLAYBOY** - A polícia brasileira atrapalha a investigação?

**JALKH** - Todos os crimes e todas as fraudes que esclarecemos até hoje foram resolvidos depois que a polícia arquivou. Nós não entramos em choque com ela. Quando a polícia sai, aí nós entramos. Evidentemente fica muito mais difícil sem o cadáver no local, sem a arma do crime.

**PLAYBOY** - Que tipo de investigação você faz na área empresarial?

**JALKH** - Oitenta por cento das empresas brasileiras estão tendo fraudes muito fortes. Várias grandes empresas já quebraram por causa disso. O problema começa no absurdo dos impostos. A empresa que quiser pagar todos os impostos, tudo em dia, não aguenta. Aí começa a sonegação, caixa 2 e tal. A fiscalização tem algum contador infiltrado na empresa fornecendo informações. Esse contador já entra na empresa com esse objetivo, sabe onde está a caixa 2, descobre alguma falha. Se não tiver falha, ele arruma. Aí esse contador comunica a fiscalização. A multa vale, vamos dizer, 30 milhões. "Vamos acertar na base de 10 milhões?" São centenas e centenas de empresas nas mãos desse pessoal.

**PLAYBOY** - Como vocês chegam ao funcionário corrupto?

**JALKH** - Vou contar um caso sem citar nomes. A presidente de uma empresa me chama para uma visita ao pátio. Vejo um carro importado, caríssimo, coisa de 80.000 ou 90.000 reais. De quem é esse carro? "Do fulano, um executivo." Na outra semana a presidente passa no estacionamento e vê outro carro, também importado, ainda mais caro. E esse carro, de quem é? Do mesmo executivo. Tem coisa esquisita aí e a presidente da empresa concorda. Investigamos e descobrimos que o executivo tem duas concessionárias de automóveis, duas coberturas que valem 1 milhão de dólares, apartamento em Miami... Isso ganhando 20.000 ou 22.000 reais por mês.

**PLAYBOY** - Como foi o milagre?

**JALKH** - Esse executivo dirigia a venda de um produto da empresa, e a venda era terceirizada. Ele colocava um elemento dele em cada empresa prestadora de serviço. Mandava nelas. Determinava preços e dominava essa prestação de serviço no país inteiro. Faturando. Juntamos as provas, um calhamaço de fotografias, filmagens, escrituras.

**PLAYBOY** - E esse executivo foi preso?

**JALKH** - Não dá. Ele sabe de tudo o que está acontecendo dentro da empresa que não está na lei. Uma pancada dele paralisa a empresa. Esse executivo sabe tudo. Provavelmente já tirou cópia de toda a documentação irregular e guardou.

**PLAYBOY** - A ostentação desses picaretas pode ser uma boa armadilha?

**JALKH** - É indiscutível. O cara de pau leva o seu carrão importado para dentro da empresa. Ele compra um apartamento novo, paga 500.000 dólares de diferença em dinheiro e ainda pede referências dentro da própria empresa que roubou.

**PLAYBOY** - O cliente às vezes também atrapalha a investigação?

**JALKH** - Quando o cliente dá a ordem de como devemos agir, atrapalha. É preciso tomar cuidado, agir de forma que a própria empresa não seja vítima de retaliação depois do caso resolvido.

**PLAYBOY** - Como é essa retaliação?

**JALKH** - Temos o caso de uma empresa antiquíssima, com mais de 90 anos, pioneira no seu ramo. Surgiu a informação de que um elemento da seção de compras estaria aprontando. Investigamos o elemento, e ele que ganhava 4.000 reais, tinha um patrimônio de mais de 1 milhão, incluindo imóveis etc. Era filho do principal contador da empresa. O presidente da empresa disse: "Vamos botar esse cara na rua". Aí eu sugeri calma. Esse elemento não frequenta a sala do pai? O presidente mesmo disse: "Ele não sai de lá! Sabe tudo sobre a empresa". Era preciso encontrar uma solução que evitasse a retaliação. E isso é decisão do empresário.

**PLAYBOY** - E que solução eles encontraram?

**JALKH** - Mandaram o elemento embora e deixaram o pai. Se ele criasse algum problema, o pai do fraudador seria prejudicado. Um mês depois o presidente da empresa é seqüestrado de uma forma tão bem feita que não deixa dúvida de que a quadrilha sabia tudo o que acontecia ali dentro. Pediram 1 milhão de dólares. A empresa ofereceu 700.000. Os seqüestradores respondem: "Por 700.000 nós mandamos só a cabeça". Enviaram uma fita de vídeo mostrando o presidente da empresa amarrado, inchado, babando, totalmente arrebatado. Um absurdo. O dinheiro foi liberado imediatamente e pagaram aos seqüestradores. Resgate pago, cadê o seqüestrado? Dias depois o corpo foi encontrado boiando embaixo da ponte Rio-Niterói. Ficou óbvio que se tratava de mais do que um seqüestro. E era uma vingança. A polícia não chegou a lugar nenhum.

**PLAYBOY** - Algum político já encomendou trabalho a você?

**JALKH** - Não trabalho para político. Eles não pagam. Vem com a história de "amanhã você vai precisar de mim, uma mão lava a outra". Eu não preciso e não quero saber de político. Se ele quer levantar alguma coisa por meu intermédio, é pra dar algum golpe.

**PLAYBOY** - E qual é o último golpe do mercado?

**JALKH** - Escreve aí: querem roubar o Pão de Açúcar.

**PLAYBOY** - Como assim?!

**JALKH** - Não é carregar o Pão de Açúcar debaixo do braço! [Ri.] Um grupo quer tomar a empresa que cuida do bondinho, e tem político por trás desse golpe. A empresa que criou o sistema e tem cuidado dele há noventa anos pode ser passada para trás. Um grupo descobriu que a máfia russa começou a sabotar os teleféricos da Suíça para poder cair o preço do patrimônio.. Aí eles entram, pagam qualquer coisa e levam o sistema. No caso do Pão de Açúcar não é a máfia russa, mas a máfia nossa mesmo, que é mais malandra que a da Rússia. Criam problemas, sabotam. Aquilo desvaloriza o sistema do bondinho, aí eles pagam qualquer nota e o revendem a milhões.

**PLAYBOY** - Seu trabalho é baseado na aplicação da lei. Deve ser frustrante para você trabalhar num país onde a lei tem tão pouco valor, não?

**JALKH** - Não tenha dúvida. Se você não tiver a cabeça no lugar, se não for equilibrado, desprendido... Existe muita proposta para ser corrompido e mais de uma vez já me aconteceu

isso. Já recebi proposta para matar A ou B. Nosso trabalho é apenas investigar, apurar a verdade, juntar as provas e entregá-las ao cliente.

**PLAYBOY** - Espera aí: já te propuseram matar pessoas?

**JALKH** - A gente descobre para um cliente que alguém está planejando seqüestrá-lo. Sugerimos ao cliente que tome suas precauções. Daí o cliente me pergunta: quanto você quer para eliminar quem está me ameaçando?

**PLAYBOY** - Como estão os serviços de inteligência do governo depois do fim do SNI (Serviço Nacional de Informações)?

**JALKH** - Infelizmente o governo está na mão deles e ninguém faz nada. Nem o presidente. O atual presidente é um político, não é um ingênuo como o Collor. O Collor fez as bobagens dele e foi posto pra fora. O Fernando Henrique não entra nessa pois é um homem inteligente, conhece o Congresso todo, sabe como funcionam as coisas. Ele agrada a um e a outro para poder governar. O serviço de inteligência (ex- SNI, hoje Abin, Agência Brasileira de Inteligência) tem que trabalhar para ajudar e orientar o governo. Como acontece nos Estados Unidos. O governo tem que ter um serviço de informação, isso é indispensável. Mas nós temos uma área de baixo nível dentro desse serviço com elementos indisciplinados, gente que não tem nenhum sentimento nem caráter e só quer tirar vantagem. Conseguem esses golpes por meio de gravação telefônica, de investigação, já que o serviço deles é esse mesmo.

**PLAYBOY** - A Abin, sucessora do SNI, também é assim?

**JALKH** - Tem a parte de cima, da Escola de Inteligência, um pessoal selecionado, culto, com curso superior. E tem a banda suja, a banda podre, que continua a fazer a molecagem que fazia. Isso o governo precisava limpar. Não limpou e acabou refém disso tudo. Agora essa gente ameaça. Diz que sabe disso e daquilo, que tem mulher por trás. Isso tudo é baixo nível, mas infelizmente, com esse tipo de jogador, eles ficam extorquindo um, extorquindo outro. Usam esses métodos de baixo nível para tirar vantagem.

**PLAYBOY** - Atentaram contra sua vida?

**JALKH** - Mais de uma vez. Uma vez pegaram um rapaz que trabalhava comigo. Queriam que esse rapaz trabalhasse para eles, o rapaz se recusou. Eram quatro caras. Levaram meu funcionário para um sítio. Durante três dias ele foi torturado para ver se fazia um trabalho pra eles dentro da minha empresa. Acabou sendo solto, mas garantiu a eles que ia parar de trabalhar pra mim. E parou mesmo, mas seus seqüestradores acharam que ele ainda estava a meu serviço. Um dia ele foi apanhado por três elementos e um deles injetou algo em sua nádega. O rapaz ainda teve tempo de contar o que tinha acontecido antes de morrer, 1 hora e meia depois. Na autópsia ninguém descobriu a causa mórtis. A 13ª Delegacia registrou tentativa de seqüestro, e tudo ficou por isso mesmo. Sabemos quem foi, como foi, tudo. É um grupo de quatro.

**PLAYBOY** - E você já viu algum desses quatro?

**JALKH** - Um dia recebi uma informação e quando cheguei por aqui já vi quatro elementos disfarçados. Disfarçados como idiotas, pois não disfarçavam nada. Subi e liguei para um monte de gente em Brasília. Veio a Polícia Federal, cercou tudo e sumiu com os quatro. Aí se acertaram lá em Brasília, entre eles.

**PLAYBOY** - E por que você não denuncia isso publicamente?

**JALKH** - Adianta falar? Vai ter que provar. Vai ter que enfrentar esse grupo, que continua funcionando. Não com a violência de antigamente. Hoje eles têm mais responsabilidade, sabem que podem se dar mal. Mas continuam.

**PLAYBOY** - Como você sabe?

**JALKH** - Eu tenho uma rede de informação imensa. Nós sabemos o que está acontecendo. São clientes, amigos, e quando a gente quer saber de alguma coisa basta dar o sinal.

**PLAYBOY** - Quantas pessoas trabalham para você?

**JALKH** - Umas quarenta pessoas. Aqui no Rio, em São Paulo, em Brasília. Uma rede que esclarece tudo.

**PLAYBOY** - Você grava as conversas com os clientes?

**JALKH** - Não, cliente não. Temos o maior respeito. O cliente vem até nós, pois precisa de ajuda e confia em nós. Se nós traíssemos essa confiança de alguma forma seria a coisa mais baixa. Há um ditado árabe que diz: "Não traia ninguém que confia em vocês nem que seja um traidor".

**PLAYBOY** - O quanto a intuição funciona para você?

**JALKH** - Há pouco tempo tivemos uma reunião de empresa nesta sala, e essa empresa também tinha problemas de fraude. Um dos participantes transpirava muito e não estava tanto calor naquele dia. Ele dizia que haviam tentado matá-lo naquela noite, que um homem de moto o havia assaltado. Eu só olhando o cara transpirando, transpirando. Aí eu me levantei e liguei o ar-condicionado. Todo mundo entendeu a dica e passou a olhar o cara. Ele foi traído pelo seu sistema nervoso. Tentava se explicar e as mentiras saíam junto como suor. Dois dias depois descobrimos que não houvera assalto nenhum e provamos que o executivo que suava na reunião era o responsável pelo golpe. Você tem que observar detalhes.

**PLAYBOY** - Fora isso, nessa área empresarial você precisa entender muito de administração e finanças, não?

**JALKH** - Principalmente na área bancária. Se você não entender os mecanismos, se não dominar essa área de informática, não consegue levantar. Eu trabalho nessa área bancária há mais de 45 anos.

**PLAYBOY** - Qual foi a maior decepção que você já teve com alguma pessoa?

**JALKH** - Em serviço, confiar cegamente em alguém, isso eu não faço. Foi aquilo que aconteceu com o diretor de uma grande emissora de TV, de quem eu sou amigo há muitos anos. Assaltaram e depredaram o apartamento dele, e ele me chamou para dar uma olhada. Pelos detalhes percebi que o assalto tinha acontecido com a ajuda de alguém de dentro de casa. Fomos conversar na sala, eu, esse diretor, sua bela esposa e a empregada servindo cafezinho. Aí ele disse: "A única pessoa por quem eu boto a minha mão no fogo é esta aqui" - e apontou a empregada. Assim que a empregada saiu com a bandeja, eu olhei para esse diretor e disse: "Você queimou sua mão". A empregada tinha armado o roubo com o namorado.

**PLAYBOY** - Como você cobra pelo seu trabalho? É por hora?

**JALKH** - É por serviço. Às vezes, em caso de fraude, eu posso ganhar uma porcentagem sobre o dinheiro recuperado. Cada caso é um caso.

**PLAYBOY** - Quantos funcionários você utiliza em cada caso?

**JALKH** - Varia muito. Oito, dez... Nossa despesa é alta. O pessoal com quem eu trabalho é de primeira, altamente especializado. O equipamento é caro, todo importado.

**PLAYBOY** - Dá pra ficar rico sendo detetive?

**JALKH** - Não dá. Nós prestamos serviço, não participamos de negociatas e fraudes. Temos uma base de lucro de 20%. Locomoções, estadias, às vezes fica caro para o cliente, mas isso não significa lucro para nós. Precisamos estar atualizados com o que existe de mais avançado em equipamentos. Temos muitas despesas.

**PLAYBOY** - E a concorrência?

**JALKH** - Geralmente é picaretagem ou do ramo de infidelidade conjugal. O sujeito fica o dia todo vigiando numa esquina debaixo desse calor infernal do Rio para ganhar uns 300 reais por dia.

**PLAYBOY** - Você gosta dessa área empresarial ou preferia o tempo em que estava envolvido na solução de crimes famosos?

**JALKH** - Eu não era contratado pela família das vítimas para investigar aqueles casos. Era uma espécie de permuta: o jornal O Globo ganhava um furo de reportagem e eu ganhava publicidade. Não havia lucro.

**PLAYBOY** - Qual o equipamento mais atual que você tem?

**JALKH** - A tecnologia avançou muito e você pode usar diversos tipos de equipamento criados para outras finalidades com o intuito de investigar. Pode ser uma microcâmera, um raio laser, um relógio que grava som e imagem. Eu prefiro equipamentos alemães. Eles são muito avançados. Ingleses e japoneses também.

**PLAYBOY** - Você mostra esses equipamentos?

**JALKH** - Às vezes vem o pessoal de televisão aqui, eu mostro alguns equipamentos, eles gravam, acham legal, bacana e tal... E aquilo está ultrapassado há vinte anos! Não mostramos o mais atual. Hoje tem uma pecinha de 1 centímetro que você gruda na roupa e ela transmite a 1 quilômetro de distância, com toda nitidez. Você pode instalar um transmissor de áudio e vídeo numa gravata. É como uma agulha, a câmera está escondida por trás. Liga-se a um transmissor com uma discreta anteninha que transmite áudio e vídeo em cores, com toda nitidez. Aquilo fica tão claro que é difícil ser negado depois.

**PLAYBOY** - Mas deve ser difícil ficar seguindo o transmissor pela cidade.

**JALKH** - Nem sempre. Nós tivemos um caso em Brasília que exigia uma gravação de som e imagem. Mandamos uma pessoa com uma pasta 007 aparentemente normal, cheia de documentos etc. Esse nosso enviado chega lá, entra num carro. Como os políticos lá são malandros, esse carro ficou circulando de um lado para outro tentando despistar quem estivesse captando possíveis transmissões. Mas eles não sabiam que a própria pasta do nosso funcionário estava gravando tudo. Não é preciso transmitir nada, apenas gravar. Nosso homem foi levado a um apartamento e posicionou a pasta sobre uma mesa, captando tudo. Daí começam as negociações de corrupção, porcentagens pra cá, porcentagens pra lá. Num certo momento entra o figurão da história. Ele não fala nada. Só mexe a cabeça, fazendo sim ou não. Ele está se precavendo de ter a voz gravada e reconhecida posteriormente. Mas esses

gestos de cabeça estão todos registrados em vídeo. Quando foi apanhado, esse figurão tentou negar tudo. Aí mostramos o vídeo a ele. O cara ficou branco, sentou-se, pediu água com açúcar. É sempre assim.

**PLAYBOY** - Como se interroga um suspeito?

**JALKH** - Depende da pessoa, da situação. Uma mulher que acabou de ver o marido ser morto você trata com calma, com educação. O que não quer dizer que uma viúva que acabou de perder o marido seja inocente. Pode chorar à vontade. Mulher chora que é uma desgraça. Você não pode se impressionar com o choro dela. Tem que ir aos fatos.

**PLAYBOY** - E interrogatório com violência?

**JALKH** - Aí não adianta nada, pois qualquer um confessa. Tem que juntar provas. Tem que investigar o local do crime para que não haja dúvidas na hora do julgamento. Tendo as provas a confissão fica em segundo plano.

**PLAYBOY** - Ainda tem tortura em delegacia?

**JALKH** - Não como era antes. A polícia está tão desestimulada que não prende nem para dar pancada.

**PLAYBOY** - Detetive armado é uma lenda?

**JALKH** - Pra nós não existe isso. Não enfrentamos bandidos, não corremos esse risco. O que pode acontecer é o que aconteceu comigo: membros do serviço de inteligência tentando me silenciar. Mas não adianta andar armado. Se esses indivíduos quiserem me atacar, vão atacar de um jeito que não permita nenhuma defesa. Aí, paciência.

**PLAYBOY** - Como foram os atentados contra você?

**JALKH** - Uma vez eu deixei o carro e andava pela calçada quando senti que a pessoa ao meu lado desabou. Saí correndo. Eram tiros vindos de um carro. Noutra ocasião eu estava almoçando no restaurante Barra Grill. Um amigo percebeu que eu estava mal, que nem conseguia falar direito. Ele me disse: "Um daqueles três caras ali botou alguma coisa no seu copo, eu vi". Aí meu filho me levou para o hospital. O médico foi prevenido de que eu havia sido envenenado e já me medicou especificamente para isso.

**PLAYBOY** - Quando aconteceu isso?

**JALKH** - Há uns três meses. Eles grampeiam nossos telefones, ficam sabendo dos meus programas.

**PLAYBOY** - E quem foi?

**JALKH** - Tenho certeza de que foi esse pessoal da Abin. Só eles têm esses métodos e esses recursos. Essa questão vem desde o tempo em que esse pessoal era do SNI. Eu descobri que eles haviam feito um atentado contra o dr. Roberto Marinho, lá por 1968. Ficaram melindrados. Desse pessoal, muitos caíram fora, muitos morreram, mas essa banda podre continua e faz o que quer. E o próprio governo é o maior prejudicado.

**PLAYBOY** - Como é essa história de um detetive ter que saber quantos botões de camisa a gente tem?

**JALKH** - Esse teste nós fazíamos no nosso curso. O aluno tinha que prestar atenção em tudo e se lembrar de quantos botões de camisa havia na camisa de alguém, qual a outra face de

determinada moeda, coisas assim. É um treino de percepção. O detetive tinha que observar todos os detalhes em qualquer pessoa, o grau de cultura, a personalidade...

**PLAYBOY** - Ainda funciona assim?

**JALKH** - Antes nosso pessoal tinha que entrar no lugar, observar todos os detalhes, as pessoas presentes, as máquinas, a marca das máquinas, e depois voltava e vomitava tudo o que tinha observado. Hoje você entra num lugar e filma, grava, fotografa... [Bi.] O aparelho pode estar nos óculos, você vira para um lado, vira para o outro e registra tudo.

**PLAYBOY** - Qual seu detetive favorito na ficção?

**JALKH** - Quem trabalha nessa área não se deixa enganar pela ficção de detetive. Aquilo é para amadores. Dramatizam a questão para agradar o público.

**PLAYBOY** - Qual foi seu caso mais difícil?

**JALKH** - Acho que foi o assassinato do vice-presidente da Pan American [Humphrey W. Toomey], em 1974. Era um homem condecorado que vinha sempre ao Brasil. Tinha um prestígio imenso, não só lá, como aqui. Gostava muito do Brasil. Aqui ajudava uma menina [Cacilda Sandri] que segundo ele era apenas protegida, mas eu duvido, pois ele era muito mulherengo. Essa menina começou a namorar um bandido (Sétio Matio) e contou ao namorado que cada vez que o americano visitava o Brasil costumava trazer uma pasta cheia de dólares. Numa noite esse bandido foi ao apartamento do americano e se apresentou em nome de Cacilda, a garota de confiança. O americano estava sozinho, abriu a porta. O bandido puxou a arma e o americano reagiu. A arma disparou. O americano caiu, sangrou até morrer. O bandido se mandou sem roubar nada. A polícia desistiu.

**PLAYBOY** - E como você descobriu a verdade?

**JALKH** - Um dia li no jornal sobre a prisão de um casal de assaltantes - Sétio e Cacilda. Liguei os pontos e fui direto a ela. Ofereci ajuda e deixei claro que esse negócio de amor tinha acabado. Ou ela contava toda a verdade ou ia entrar bem. Ela confessou tudo, entregou o amante e eu a ajudei com um advogado.

**PLAYBOY** - E a polícia enquanto isso?

**JALKH** - Eles tinham como suspeito um homossexual que entrou em contradição. Para a polícia, o caso já estava resolvido - era esse homossexual e acabou. Quando estive na delegacia para esclarecer a história, ele já estava pendurado no pau-de-arara. Um dos policiais pegou um cano e disse ao suspeito: "Se você não confessar o crime sabe onde eu vou enfiar esse cano?" Aí o delegado disse: "Calma. Ele não confessou ainda. Já vai começar a agradar o cara?" Cheguei a tempo de livrar esse coitado.

**PLAYBOY** - E o verdadeiro assassino?

**JALKH** - Está solto até hoje. Não chegou a ser julgado. Ele, que deu o tiro, foi solto. A mulher, que foi cúmplice, está presa. Assim é o Brasil.

**PLAYBOY** - Você é a favor da pena de morte?

**JALKH** - Nossas cadeias são piores que o inferno. Morreu, descansou. E melhor que o criminoso pague na cadeia.

**PLAYBOY** - Você não pega casos de adultério de jeito nenhum?

**JALKH** - Eu passo tudo para um pessoal que já trabalhou comigo e que está com idade mais avançada. É um trabalho mais suave. Nem existe mais flagrante de adultério. Virou bagunça, Cada um pode comer quem quiser, não acontece nada. Antigamente isso dava um bom dinheiro. O detetive conseguia um bom flagrante num motel ou num apartamento e chamava a polícia, que prendia os adúlteros do jeito que estivessem. Eles iam enrolados num lençol até a delegacia, eram autuados e soltos. Com o flagrante abria-se o litígio e anulava-se o casamento. Hoje isso acabou. Se alguém entra numa delegacia denunciando um flagrante de adultério é capaz de ser posto dali para fora. Com milhares de crimes para resolver, quem vai querer seguir mulher para saber se está traindo ou não?

**PLAYBOY** - *Você teve problemas de consciência por ter cometido injustiça em algum caso?*

**JALKH** - Eu nunca deixei um caso sem solução. Mas, na minha concepção, se não consigo resolver um caso, não vou acusar ninguém sem certeza da culpa. Prefiro ver mil vagabundos na rua a pôr um inocente na cadeia. Aconteceu um caso [em 1957] em que o delegado Edgar [Pires de Sá], amigo meu, pediu minha ajuda. Foi o caso da Helena Amoroso, filha de um bicheiro, assassinada na garagem da própria casa. O acusado era o namorado dela, Ari (Jorge de França). O Ari foi apanhado dormindo e tinha uma arma calibre 38. A arma que matou Helena Amoroso era uma Luger 9 milímetros.

**PLAYBOY** - *Pelo jeito, mais um inocente atrás das grades...*

**JALKH** - Aí eu conversei com esse delegado: "Você vai apontar o Ari como culpado?" E ele respondeu: "Vou". Eu não concordei: "O Ari é arrimo de família, sustenta a mãe. Você não tem certeza de que é ele". Isso me deixou amargurado. Não deu outra. O Ari foi julgado e condenado a doze anos. Uma desgraça.

**PLAYBOY** - *Você desistiu?*

**JALKH** - Muito tempo depois o famoso marginal Tião Medonho foi baleado e preso pelo assalto ao trem pagador do Japeri. A arma que o Tião tinha na mão na hora do tiroteio era uma Luger 9 milímetros. Desconfiei dele. Mesmo baleado, o Tião sobreviveu e foi para um hospital de Caxias, cheio de balas no corpo. Aí armei um esquema que nunca contei a ninguém, pois não é um procedimento muito legal. Pedi a uma enfermeira que instalasse um transmissor na cama do Tião Medonho. Fui até a igreja mais próxima e pedi a um frade chamado Joel que fosse fazer a confissão do Tião no hospital. Fiquei do lado de fora, no banco de trás do meu Citroen com um gravador de rolo. Fiquei ouvindo a confissão do negão, já agonizando, com voz de trovão. De repente deu um silêncio e o Tião Medonho confessou: "Eu matei a filha daquele bicheiro. A gente ia fazer um serviço na casa, mas ela chegou e quis reagir. Matamos e depois demos no pé".

**PLAYBOY** - *Se acontece em filme vão dizer que é marmelada... E aí?*

**JALKH** - Peguei a fita, mostrei ao delegado Edgar, meu amigo encarregado do caso. Pedi que ele fizesse um exame de balística, que reabrisse o caso da Helena Amoroso para que o Ari, inocente, fosse solto. Não adiantou nada. O delegado estava irredutível. Eu disse a ele: "Aqui se faz, aqui se paga. Eu tenho pena de você. Tem um inocente na cadeia, a mãe dele está esmolando. Você teve a oportunidade de reparar essa injustiça e não fez nada. Paciência". Meses depois o filho do delegado morreu num acidente de carro na Lagoa Rodrigo de Freitas. Em seguida o próprio delegado sofreu o diabo e morreu de câncer.

**PLAYBOY** - *Alguma outra grande injustiça?*

**JALKH** - Teve um caso de grande repercussão envolvendo um elemento ligado à área artística, teatral. Ele era homossexual, foi descoberto amarrado no próprio apartamento em Ipanema, morto com 105 facadas no fim dos anos 80. A reação da classe artística foi muito grande e o delegado tinha que apresentar alguém como culpado. De repente aparece um garotão de praia e a polícia diz que foi ele que matou o diretor para roubar um sistema de som. Ora, se fosse para roubar alguma coisa bastava dar uma paulada na cabeça da vítima e se mandar. Para dar 105 facadas o motivo tinha que ser muito sério. Não havia prova nenhuma contra o rapaz. Foi condenado a 25 anos.

**PLAYBOY** - *Aí você entra na história, certo?*

**JALKH** - O advogado do preso pediu minha ajuda sabendo que precisava de algum fato forte para inocular o garoto. Começamos a investigar, investigamos a vida da vítima, seu círculo de amizades, e esse rapaz não aparecia em nenhum desses círculos. Descobrimos que a vítima tinha um amigo americano que freqüentava a casa. Esse diretor tinha também um parceiro sexual que desenvolvia uma relação sádica com a vítima e o amarrava de vez em quando. Quando o parceiro partia, a vítima fazia o maior esforço para ligar para o seu amigo americano para que fosse soltá-lo.

**PLAYBOY** - *E a razão para o crime?*

**JALKH** - Conseguimos uma testemunha que pediu que seu nome nunca fosse divulgado. Ele contou o que aconteceu: a vítima tinha contraído Aids e não avisou ao parceiro para que ele se prevenisse. O parceiro acabou descobrindo por fora que também estava contaminado, Foi até a casa da vítima, o amarrava como fazia de vez em quando e dessa vez o mandou para o outro mundo. Vingança.

**PLAYBOY** - *E vocês chegaram a identificar o verdadeiro assassino?*

**JALKH** - Tentamos localizar o tal americano, pois sabíamos que ele conhecia a identidade do parceiro da vítima. Ele já havia se mandado para Dallas, no Texas. Ligamos para ele, pedimos sua ajuda. Ele respondeu: "Vocês estão malucos se pensam que eu vou voltar ao Brasil. Se eu voltar e o assassino ainda estiver vivo, eu é que vou morrer. Me deixem em paz, não contem comigo".

**PLAYBOY** - *Nem para dizer o nome do assassino?*

**JALKH** - Se ele denuncia, o cara vai preso e no dia seguinte sai com um habeas-corpus, como acontece toda hora aqui. E aí parte para cima do americano.

**PLAYBOY** - *E o que aconteceu com o garoto preso injustamente?*

**JALKH** - O advogado dele tentou um recurso, mas os artistas fizeram passeata contra ele em Brasília. O rapaz continua na cadeia e a coisa ficou por isso mesmo. Isso por causa da reação dos amigos da vítima. Tudo bem, eles têm esse direito, mas eu tenho certeza de que nenhum deles gostaria de botar um inocente na cadeia. O garoto está preso até hoje. Com medo da repercussão, a Justiça segura. O pai dele veio neste escritório várias vezes e chorava o tempo todo.

**PLAYBOY** - *A polícia brasileira tem jeito?*

**JALKH** - Criticar a polícia é simples. Mas é culpa de quem? A polícia não tem recursos, não tem preparo, não tem viaturas, não tem combustível, não tem armas à altura das armas dos bandidos, recebe uma mixaria de salário... Eles fazem milagres, No desespero, começam a

roubar, a se envolver com drogas, a extorquir criminosos. Nessa situação a polícia torna-se mais nociva que benéfica à sociedade brasileira.

**PLAYBOY** - E o caso Van-Lou, um dos crimes passionais mais famosos dos anos 70?

**JALKH** - Esse só Freud explica. O Vanderlei [Gonçalves Quintão] namorava a Lou [Maria de Lourdes Leite de Oliveira] e achava que para casar tinha que matar todos os que tinham transado com ela antes. Lou tinha tido três namorados anteriores. Por ordem do Vanderlei, os atraía um por um para a Barra. O Van matou o primeiro, matou o segundo e estava se preparando para matar o terceiro. A polícia não estava conseguindo resolver esse caso. Quando comecei a investigar descobri que havia uma testemunha, antigo proprietário de um trailer, chamado Nelson. Esse Nelson contou que testemunhou o Vanderlei atirando, só que o assassino percebeu que estava sendo olhado. Foi até o trailer, apontou a arma para o Nelson e perguntou: "Você quer morrer também?" O Nelson fechou a janela e dormiu ali mesmo no chão do trailer.

**PLAYBOY** - E o casal foi preso?

**JALKH** - Foram condenados a dezoito anos. Mas aí ela pegou um pouco mais, houve recursos, diminuição da pena, condicional...

**PLAYBOY** - Pelas fotos a Lou parecia ser uma mulher tentadora.

**JALKH** - Na época eu mal conheci. Mais recentemente eu a vi atravessando a Avenida Presidente Vargas. Já estava gorda, acabada.

**PLAYBOY** - Você faz grampo de telefone?

**JALKH** - Não. Grampo sem autorização a gente não pode fazer. Agora, grampear telefone dentro de uma empresa é direito do empresário. Fazemos dentro da lei. São meios para facilitar seu trabalho de detetive. Você tem que ter equipamentos para pegar um criminoso inteligente e esperto. Se uma empresa está sendo roubada, espoliada, o empresário não pode usar de grampo para pegar os desonestos? É legítima defesa. Alguns dizem que não é ético. E ser roubado é ético?

**PLAYBOY** - Mulheres são boas detetives?

**JALKH** - Em matéria de coragem, audácia e sangue-frio, nada como mulher. Fazem misérias. A gente precisava infiltrar alguém no Complexo do Alemão, uma das favelas mais perigosas do Rio. Essa pessoa precisava filmar e gravar bandidos. Pedimos a um dos nossos homens para se infiltrar na favela. Ele: "De jeito nenhum! A polícia só entra lá com 200 ou 300 homens!" Uma mulher topou. Disfarçou-se de retirante nordestina, usando uma mala bem esculhambada. Entrou na favela e procurou uma colaboradora nossa infiltrada lá dentro. Ficou morando com ela um tempo. Filmou, fotografou, fez de tudo com aquela mala. Saiu numa boa, ninguém desconfiou e o caso foi resolvido da melhor maneira possível. Se fosse pega, todo mundo sabe que ela ia morrer lá dentro. O Complexo do Alemão é barra pesadíssima.

**PLAYBOY** - O crime compensa no Brasil?

**JALKH** - Se envolver muito dinheiro, compensa. Se você aplica um golpe e tira milhões, pode ficar tranquilo pro resto da vida.



Foto: Renato Velasco



---

© Editora Abril